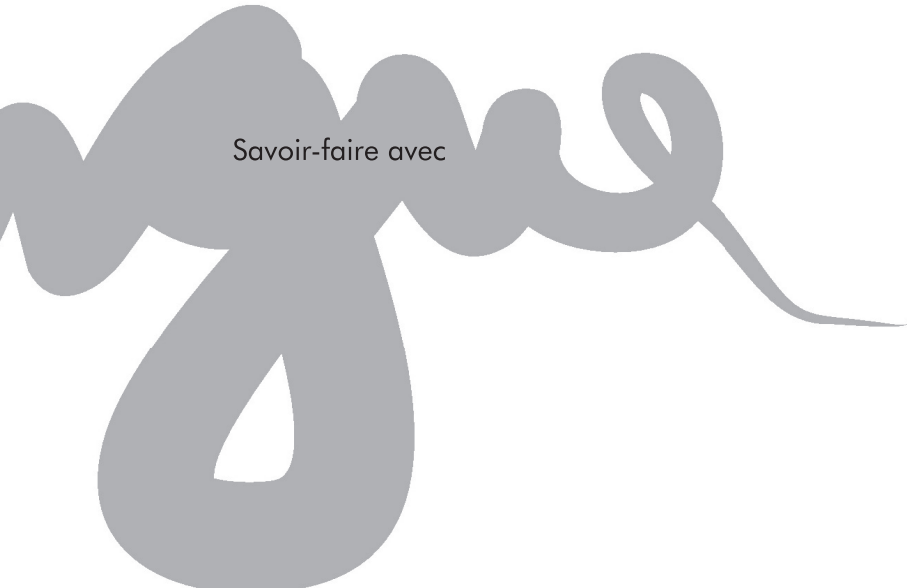


Savoir-faire
avec la langue

Wahana

Association de Psychanalyse Encore



Savoir-faire avec

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Savoir-faire avec lalangue. Campinas, SP : Mercado de
Letras, Paris : Association de Psycanalyse Encore, 2015.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-395-6

1. Análise do discurso 2. Psicanálise 3. Psicanálise – Lin-
guagem.

15-10935

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Análise do discurso : Psicanálise : Psicologia 150.195

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Mariana Marques Moraes

Conselho Editorial

Dominique Texier

Erik Porge

Nicolas Guerin

Ana Vicentini de Azevedo

Nina Leite

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

DEZEMBRO/2015

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Sumário

APRESENTAÇÃO 7

Porge, E. e Leite, N. V. A.

PRÉSENTATION 15

Porge, E. e Leite, N. V. A.

DE LA-LAND À LALANGUE:

ALGUMAS QUESTÕES DE ESTILO 23

Azevedo, A. V.

LALÍNGUA: ACONTECIMENTO

E TRANSMISSÃO 39

de Lemos, C. T. G.

LE SAVOIR-FAIRE DE LA SCANSION,

UN SAVOIR-FAIRE AVEC LALANGE 51

Diener, Y.

DO TRANSMISSÍVEL DO

FEMININO À INVENÇÃO 59

Guia-Menendez, E. R. M.

LALANGUE, ESTILO, TRANSMISSÃO. RESSONÂNCIAS DE

UMA CARTA DE AMOR 75

Leite, N. V. A.

LA MÉMOIRE DANS LA PEAU **89**

Mac Clay, E.

FRAGMENTOS DE *LALÍNGUA TEÓRICA* **105**

Milán-Ramos, J. G. e Moraes, M. M.

LA LETTRE ET LE SAVOIR-FAIRE
AVEC LALANGUE: PÉDAGOGIE
DE UN TRASMISSION **127**

Muraro, D.

L'IMPLANTATION DU SIGNIFIANT DANS
LE CORPS. *LE SCHIZO* ET *LES LANGUES*
DE LOUIS WOLFSON **141**

Porge, E.

DE L'ENFANT PARLÉ AU CORPS DE LETTRES,
UNE TRANSMISSION LITTORALE **153**

Texier, D.

FREUD E LALÍNGUA **167**

Vorcaro, Â. M. R.

TATOUAGES: DU CORPS PARLANT
À LA LANGUE DÉCOR **187**

Wiener, S.

Apresentação

Em abril de 2014 a *Association Encore de Psychanalyse* promoveu um encontro de trabalho em São Paulo, contando com a participação de vários de seus membros, tanto franceses quanto brasileiros, além da presença de alguns colegas brasileiros que não estão filiados à associação. A iniciativa para o encontro no Brasil delineou-se no colóquio realizado em 2013 em Paris, ao qual estiveram presentes alguns brasileiros, filiados ou não à Associação. O desejo de realizar um colóquio em São Paulo evidenciava naquele momento um laço de trabalho há longo tempo estabelecido entre colegas de Paris e alguns brasileiros, especialmente desde que Erik Porge começou a vir ao Brasil em 1994. Encontros de trabalho, seminários, tradução de textos e livros permeiam a já longa estória desta transferência de trabalho. Mas apenas em 2014 aconteceu que uma instituição de psicanálise francesa realizasse o encontro anual de trabalho em outro país. Não à toa o tema escolhido para o colóquio deteve-se na discussão sobre o saber-fazer com lalangue. Encontro real com a alteridade sob a forma primeira da língua do outro, tal encontro foi movido pelo desejo de elaborar a experiência de transmissão do ensino de Jacques Lacan em terras brasileiras nos tempos atuais. Não é sem consequências que seja a partir de sua lalangue que Lacan invente termos que fazem passar a coisa freudiana.

Recolher e testemunhar os efeitos dessa transmissão entre os falantes do português solicita de cada psicanalista uma posição de enunciação inédita em sua própria língua, caso se queira afastar o vício do lacanês. Que tenhamos sido bem-sucedidos caberá ao leitor julgar.

Os trabalhos que compõem esta publicação foram apresentados e discutidos no colóquio sob a modalidade de um dispositivo de discussão que permitiu trocas agenciadas pela distribuição randômica dos integrantes nos diversos grupos pelos quais se distribuíram os autores dos textos. O tema do colóquio – *savoir-faire avec lalangue* – foi abordado privilegiando-se suas articulações com a dimensão da letra e da transmissão, conforme convocatória ao colóquio:

O objeto da transmissão da psicanálise determina os modos de sua transmissão. Tendo isso como ponto de partida, como ensinar o que a psicanálise nos ensina, se o inconsciente é um saber-fazer com lalíngua, que concerne tanto à transmissão na psicanálise (o saber-fazer do analista e o saber-fazer do analisante no tratamento) quanto à transmissão da psicanálise (doutrina e saber textual)? Tudo o que diz respeito à transmissão da psicanálise não estaria, por isso, submetido ao saber-fazer com lalíngua? O que se pode escrever a partir do que não cessa de deslizar e produzir equívoco? Como “lalíngua pode precipitar-se na letra” (Lacan, *A terceira*)? Isso coloca, entre outras questões, a da função da letra na psicanálise.

O método de transmissão não poderia desconhecer a distância irreduzível entre a singularidade que opera no tratamento e a exposição teórica. Reconhecê-la e fazê-la trabalhar permite retomar a afirmação de Lacan

quanto a uma homologia entre o que se infere de uma psicanálise e a obra de arte, além de conduzir a uma reflexão sobre os ensinamentos do dispositivo do passe.

Da “*la-land*” de Lacan, nos chega sua *lalangue*, *la-língua*, o saber-fazer com o inconsciente posto em ato em seu estilo. Tal estilo nos abre um campo cujos pólos situam o que se poderia chamar de um lugar-entre: entre o estilo da transmissão e a transmissão como estilo. O saber-fazer com *la-língua* aparece nesse jogo e, sobretudo, ao mesmo tempo, nele nos inclui, para que nos viremos com ele, com esse “corpo do simbólico” que é uma das possíveis inflexões de *la-língua*.

Esse volume testemunha duas distinções concomitantes e importantes que têm a ver com o estatuto da letra a partir de Lacan: a distinção entre a fala e o escrito e a distinção entre o escrito e a publicação.

Os textos aqui reunidos não são Atas, pelo fato de que nem todas as intervenções foram publicadas e de que as que o foram passaram pela revisão de uma comissão de leitura que sugeriu alterações com as quais os autores concordaram. Isso deu ensejo a uma correspondência entre autores e comissão de leitura, o que reiterou a passagem da fala ao escrito ao fazer uma passagem do escrito ao escrito.

Há perda, a da fala viva que se deu durante o colóquio, até porque o dispositivo inventado, com as defasagens – temporal das discussões e espacial das salas onde aconteciam, foi particularmente efetivo e fecundo.

Os textos se depositaram, precipitados como foram em folhas soltas por sobre o Atlântico, como depósitos dos discursos que se deram e cuja memória neles foi retida.

Esse volume está sob o signo dos múltiplos deslocamentos nos quais se implicaram as pessoas e suas

motivações: da fala ao escrito, de uma língua a outra, de um continente a outro. Tais deslocamentos estão aptos a abrir um espaço entre-dois do qual irrompem as formações do inconsciente.

Os textos não são *bilíngues*. O *bi* foi tirado. Cada autor escreveu na sua própria língua com um resumo na outra língua. Há algo de parcial que interroga as confusões possíveis ligadas a uma ideia de simetria e de totalização do bilíngue. Há heterogêneo e não-todo.

Lacan insistiu particularmente na distinção entre a fala e o escrito e no fato da publicação, que chamou de *poubellication/PUBLIXAÇÃO* a partir de 1965, data que nada deve ao acaso uma vez que precede sua própria publicação dos *Escritos*. À primeira vista, esse termo desvaloriza a publicação e leva a refletir sobre certa política de publicação que Lacan pôde conduzir com certa regularidade. Ele não publicou livros, à parte os *Escritos*, que são uma coletânea de textos, e a sua tese de psiquiatria, que é um caso particular. Em compensação, publicou um bom número de artigos disseminados em revistas, alguns até mesmo impossíveis de encontrar. A cada vez, porém, o lugar e o momento dessas publicações foram sempre significativos. Não são escritos que caem do céu, são sempre escritos articulados com certa atualidade, concernente a ele, a seu trabalho, e que o situam, ao mesmo tempo, em relação a outros trabalhos desse mesmo momento.

Nessa disseminação, fragmentação de seus escritos, há certa parcialidade que remete à do objeto *a*, sendo eles mesmos – esses escritos – objetos *a*. Lacan qualificou seus escritos de “letras abertas”.¹

1. J. Lacan, *Discours de Tokyo*, 1971. Em francês, “*lettre*” significa tanto letra quanto carta, portanto a expressão também significa “cartas abertas”.

Isso coloca mais uma vez a questão da letra. “A letra é um efeito de discurso”, disse ele em *Encore*. Isso quer dizer, entre outras coisas, que não tem a mesma significação em matemática, na escrita chinesa, onde ela provém do discurso de adivinhos sobre as escamas de tartaruga, ou na escrita alfabética, em que deriva do discurso de mercadores. Existe, em psicanálise, uma especificidade da letra que se deve ao discurso da psicanálise. Não é porque Lacan usa letras oriundas de outros discursos que é preciso amalgamar os discursos. Cada produção de letra tem sua própria lógica. Pode-se extrair letras de qualquer discurso e importá-las no discurso psicanalítico, no qual elas ganham então outra significação. Embora Lacan não faça matemática como os matemáticos, trata o objeto *a* matematicamente.

Se a letra, como ele diz, é um efeito de discurso, o próprio discurso, tal como Lacan o entende, é escrito com letras: de onde vêm, então, essas letras, se a letra é efeito de um discurso, o qual é ele próprio feito de letras (as do discurso analítico)? Existiria algo que começa a girar em círculo e é desse “girar” que não se sabe mais a origem.

A letra é um fato de discurso e o próprio discurso escreve-se em letras: a origem é inapreensível e turbilhante; o que é produzido é ao mesmo tempo o que concorre para a produção da dinâmica e do devir da coisa produzida. O interesse dessa referência ao turbilhão está no fato de que desloca a noção de origem; ela continua a ser uma origem furada e a produção de letras participa do turbilhão ao mesmo tempo em que dele provém; essas letras vêm como bordas do turbilhão e são elas, essas letras, que Lacan define como borda do saber e do gozo. A letra tem uma função de borda e de dejetivo (*a litter*, diz Joyce) ao mesmo tempo; serve de borda para o turbilhão e por ele é cuspidada de volta. Quando é cuspidada de volta como letra, é cuspidada de volta como dejeção. Não é por-

que há dejeção que é preciso eliminá-la, pois a dejeção tem a ver com a Coisa. E a borda, com a pulsão.

No que diz respeito à publicação como *poubellication*, eis um trecho extraído do seminário *O objeto da psicanálise* no qual o termo aparece pela primeira vez: “Escrever e publicar não é a mesma coisa. Não há dúvida de que escrevo quando falo. Então, por que não publica mais? Justamente por causa do que acabo de dizer: *publica-se em alguma parte*. A conjunção fortuita, inesperada, deste algo que é o escrito e que, assim, tem relações estreitas com o objeto *a*, dá a toda conjunção *não concertada* de escritos um aspecto de lixeira”.²

Fala, escrito, publicação devem ser distinguidos. Se Freud compara o sonho à escrita hieroglífica e chinesa, é mesmo porque existe escrita na fala. Publicá-la requer algumas precauções.

O escrito ultrapassa a publicação por todos os lados, o desenho, a caligrafia, etc., e, por sua vez, a publicação sofreu múltiplas evoluções desde os rolos, os códices etc. Contudo, não existe vínculo intrínseco entre o escrito e a publicação. Diz-se: “Ele escreveu isto...”, mas não está certo! Fulano escreveu isto, mas mandou publicar por um editor. Tudo isto não se faz sozinho, em todos os sentidos do termo! Mas a publicação fornece um argumento de autoridade.

Se se pode considerar uma publicação de outro modo que não no registro da *poubellication*, como tentamos fazer aqui, é porque, como disse Lacan, publica-se *em alguma parte* e a importância dessa alguma parte na escolha do lugar onde se publica não é anódina; ela mo-

2. J. Lacan, *L'objet de la psychanalyse*, aula de 15 de dezembro de 1965, inédito.

difica, em particular, a leitura do que se escreve. Lacan sempre foi atento à escolha dos lugares onde fazia publicar seus textos.

Em segundo lugar, o escrito tem relações estreitas com o objeto *a*. O que dá um aspecto de lixeira é o fato de que há uma conjunção de objetos *a* que, disse ele, é fortuita, inesperada, *não concertada*. Portanto, inversamente, é preciso zelar para fazer uma apresentação concertada, para não dizer totalmente arrazoada, dos textos, quer se trate de uma coletânea de artigos ou de um livro dividido em capítulos. Se não for concertado, tudo o que faz parte da apresentação do escrito numa publicação, faz a publicação pender para o lado da *poubellication*, isto é, de um amontoado desordenado de objetos *a*. Um amontoado informe cuja autoridade apenas se deve ao fato de ter sido reunido em conjunto. Um conjunto que enclausura o que as letras têm de abertas.

Erik Porge

Nina V. de A. Leite

Présentation

En avril 2014, l'*Association Encore de Psychanalyse* a tenu une rencontre de travail à Sao Paulo avec la participation de plusieurs de ses membres français et brésiliens et de certains collègues brésiliens qui n'y sont pas affiliés. L'initiative de cette rencontre au Brésil a surgi lors d'un colloque réalisé en 2013 à Paris, auquel ont participé quelques Brésiliens adhérents ou non à l'association. Le désir de réaliser un colloque à Sao Paulo mettait en évidence, à ce moment-là, un lien de travail noué depuis longtemps entre des collègues de Paris et certains brésiliens, en particulier depuis qu'Erik Porge avait commencé à venir au Brésil en 1994. Rencontres de travail, séminaires et, traductions de textes et livres jalonnent l'histoire déjà longue de ce transfert de travail. Mais ce n'est qu'en 2014 qu'une institution de psychanalyse française a décidé de tenir sa rencontre de travail annuelle à l'étranger. Rien d'étonnant, donc, si le thème retenu pour ce colloque a été la discussion sur le savoir-faire avec lalangue. Rencontre réelle avec l'altérité sous la forme première de la langue de l'autre, cette rencontre a été mue par le désir d'élaborer l'expérience de transmission de l'enseignement de Jacques Lacan en terres brésiliennes de nos jours. Il n'est pas sans conséquences que Lacan ait inventé à partir de sa lalangue des termes faisant passer la chose freudienne. Recueillir et témoigner

les effets de cette transmission parmi les sujets parlant le portugais exige de chaque psychanalyste une position d'énonciation inédite dans sa propre langue, si l'on souhaite écarter le vice du "lacanoïde". Laissons au lecteur le soin de juger si nous y sommes parvenus.

Les travaux composant cette publication ont été présentés et discutés lors du colloque sous l'égide d'un dispositif de discussion ayant permis des échanges agencés par la distribution aléatoire des participants et des auteurs dans les différents groupes. Le thème du colloque, *savoir-faire avec lalangue*, a été abordé en privilégiant les articulations avec la dimension de la lettre et de la transmission, comme le montre l'invitation:

L'objet de la transmission de la psychanalyse détermine les modes de sa transmission. Dès lors, comment enseigner ce que la psychanalyse nous enseigne, si l'inconscient est un savoir-faire avec lalangue, concernant aussi bien la transmission dans la psychanalyse (le savoir-faire de l'analyste et le savoir-faire de l'analysant dans la cure) que la transmission de la psychanalyse (doctrine et savoir textuel). Tout ce qui concerne la transmission de la psychanalyse ne sera-t-il pas soumis au savoir-faire avec lalangue ? Que peut-on écrire à partir de ce qui ne cesse de glisser et d'équivoquer ? Comment "lalangue ça peut se précipiter dans la lettre" (Lacan, La Troisième) ? Cela pose entre autres la question de la fonction de la lettre en psychanalyse.

La méthode de transmission ne peut pas méconnaître l'écart irréductible entre la singularité qui opère dans la cure et l'exposition théorique. Le reconnaître et le mettre au travail permet de reprendre l'affirmation de Lacan quant à une homologie entre ce qui s'infère d'une

psychanalyse et l'œuvre d'art et en plus il mène à une réflexion sur les enseignements du dispositif de passe.

De "la-land" de Lacan nous arrive sa *lalangue*, le savoir-faire avec l'inconscient mis en acte dans son style. Il nous ouvre un champ dont les pôles situent ce que l'on pourrait appeler un lieu-entre : entre le style de transmission et la transmission comme style. Le savoir-faire avec *lalangue* apparaît dans cet enjeu et surtout nous y inclut en même temps, pour qu'on se débrouille avec ce "corps du symbolique" qui est l'une des inflexions possibles de *lalangue*.

Ce volume témoigne de deux distinctions concomitantes et importantes qui ont à voir avec le statut de la lettre depuis Lacan: celles entre la parole et l'écrit et entre l'écrit et la publication.

Les textes ici rassemblés ne sont pas des Actes en ceci que toutes les interventions n'ont pas été publiées et que celles qui l'ont été furent revues par un comité de lecture qui y a apporté des modifications en accord avec les auteurs. Cela a donné lieu à une correspondance entre auteurs et comité de lecture qui a redoublé le passage de la parole à l'écrit en faisant un passage de l'écrit à l'écrit.

Il y a de la perte, celle de la parole vive qui s'est tenue pendant le colloque, d'autant que le dispositif inventé avec son décalage temporel des discussions et spatial des salles où elles s'effectuaient a été particulièrement opérant et fécond.

Les textes se sont déposés, précipités sur les feuilles volantes au dessus de l'Atlantique comme dépôts des discours qui s'étaient tenus et qu'ils mémorisent.

Ce volume est mis sous le signe des multiples déplacements qui ont engagé les personnes et leurs motivations: de la parole à l'écrit, d'une langue à une autre, d'un

continent à un autre. Ils sont aptes à ouvrir un espace d'entre deux où saillent les formations de l'inconscient.

Les textes ne sont pas en *bilingue*. Le *bi* a été écorché. Chaque auteur a écrit dans sa langue propre avec un résumé dans l'autre langue. Il y a du partial qui interroge les confusions possibles liées à une idée de symétrie et de totalisation du bilingue. Il y a de l'hétérogène et du pas tout.

Lacan a particulièrement insisté sur la distinction entre la parole et l'écrit et sur le fait de la publication qu'il a appelé *poubellication* à partir de 1965, date qui n'est pas un hasard puisqu'elle précède sa propre publication des *Ecrits*. Ce terme au premier abord dévalorise la publication, et amène à réfléchir sur une certaine politique de publication que Lacan a pu mener avec une certaine régularité. Il n'a pas publié de livres, à part les *Ecrits* qui sont un recueil de textes, et sa thèse de psychiatre qui est un cas particulier. Par contre il a publié un certain nombre d'articles disséminés dans des revues, même parfois introuvables, mais à chaque fois le lieu et le moment de ces publications furent toujours signifiants. Ce ne sont pas des écrits qui tombent du ciel, ce sont toujours des écrits articulés avec une certaine actualité, propre à lui, à son travail, et qui le situent en même temps par rapport à d'autres travaux au même moment.

Dans cette dissémination, fragmentation de ses écrits, il y a une certaine partialité qui renvoie à celle de l'objet *a*, ces écrits, eux-mêmes étant comme des objets *a*. Il a qualifié ses écrits de "lettres ouvertes".³

Cela pose à nouveau la question de la lettre. "La lettre est un effet de discours", a-t-il dit dans *Encore*, ce qui veut dire entre autre qu'elle n'a pas la même signifi-

3. J. Lacan, Discours de Tokyo, 1971.

cation en mathématique, que dans l'écriture chinoise, où elle vient du discours des devins sur les écailles de tortue, ou que dans l'écriture alphabétique où elle est issue du discours des marchands. Il existe une spécificité de la lettre en psychanalyse qui tient au discours de la psychanalyse. Ce n'est pas parce que Lacan utilise des lettres provenant d'autres discours qu'il faut amalgamer les discours. Chaque production de lettre a sa propre logique. On peut extraire des lettres de chaque discours pour les importer dans le discours psychanalytique, elles prennent alors une autre signification. Lacan ne fait pas des mathématiques comme les mathématiciens et pourtant il traite mathématiquement l'objet *a*.

Si la lettre, comme il le dit, est un effet de discours, le discours lui-même tel que Lacan l'entend est écrit avec des lettres: d'où viennent alors ces lettres, si la lettre est effet d'un discours qui lui-même est fait de lettres (celles du discours analytique)? Il y aurait quelque chose qui commence à tourner en rond, et c'est ce "tourner" dont on ne sait plus l'origine.

La lettre est un fait de discours, et le discours lui-même s'écrit en lettres: l'origine est insaisissable et tourbillonnaire, ce qui est produit est en même temps ce qui concourt à la production de la dynamique et du devenir de la chose produite. L'intérêt de cette référence au tourbillon est de déplacer la notion d'origine ; elle reste une origine trouée, et la production de lettres participe du tourbillon en même temps qu'elle en est issue; elles viennent comme les bords du tourbillon, et ce sont elles, ces lettres, que Lacan définit comme bord du savoir et de la jouissance. La lettre a une fonction de bord et de déchet (*a litter*, dit Joyce) à la fois, elle fait bord au tourbillon et elle est recrachée par lui. Quand elle est recrachée comme lettre, elle est recrachée comme déjection. Ce n'est

pas parce qu'il y a déjection qu'il faut l'éliminer, la déjection ayant à voir avec la Chose. Et le bord avec la pulsion.

Pour la question de la publication comme poubellication, voici un extrait du séminaire *L'objet de la psychanalyse* dans lequel le terme apparaît pour la première fois: "Ecrire et publier ce n'est pas la même chose. Que j'écrive quand je parle ce n'est pas douteux. Alors pourquoi ne publiez-vous pas plus ? Justement à cause de ce que je viens de dire: *on publie quelque part*. La conjonction fortuite, inattendue de ce quelque chose qui est l'écrit et qui a ainsi d'étroits rapports avec l'objet *a*, donne à toute conjonction *non concertée* d'écrits, l'aspect de la poubelle".⁴

Parole, écrit, publication sont à distinguer. Si Freud compare le rêve à l'écriture hiéroglyphique et chinoise, c'est bien qu'il y a de l'écriture dans la parole. La publier exige quelques précautions.

L'écrit déborde la publication de tous les cotés, le dessin, la calligraphie, etc., et la publication, elle, a subi de multiples évolutions depuis les rouleaux, les codex, etc... Mais, il n'y a pas de lien intrinsèque entre l'écrit et la publication. On dit: "il a écrit ceci..." Et bien non! Un tel a écrit ceci mais il l'a fait publier chez un éditeur. Tout cela ne se fait pas tout seul, dans tous les sens du terme! Mais la publication donne un argument d'autorité.

Si on peut envisager une publication autrement que dans le registre de la *poubellication*, comme nous essayons de le faire ici, c'est que, comme le dit Lacan, on publie *quelque part*, et l'importance de ce quelque part

4. J. Lacan, *L'objet de la psychanalyse*, séance du 15 décembre 1965, inédit.

dans le choix du lieu où l'on publie n'est pas anodin, en particulier cela modifie la lecture de ce que l'on écrit. Lacan a toujours été attentif au choix des lieux où il faisait publier ses textes.

Deuxièmement, l'écrit a d'étroits rapports avec l'objet *a*. Ce qui donne un aspect de poubelle, c'est le fait qu'il y a une conjonction d'objets *a* qui est, dit-il, fortuite, inattendue, *non concertée*. Il faut donc à l'inverse veiller à faire une présentation concertée, sinon totalement raisonnée, des textes, qu'il s'agisse d'un recueil d'articles ou d'un livre concernant le découpage en chapitre. Tout ce qui fait partie de la présentation de l'écrit dans une publication, s'il n'est pas concerté, fait pencher la publication du côté de la *poubellication*, c'est-à-dire d'un amas en vrac d'objets *a*. Un amas informe qui ne tire son autorité que d'être rassemblé en un tout. Un tout qui enferme ce que les lettres ont d'ouvertes.

Erik Porge

Nina V. de A. Leite